



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

TERESA LISIEUX DANTAS DE MEDEIROS

O USO DA LITERATURA DE CORDEL NO ENSINO DE HISTÓRIA

CAMPINA GRANDE – PB

2015

TERESA LISIEUX DANTAS DE MEDEIROS

O USO DA LITERATURA DE CORDEL NO ENSINO DE HISTÓRIA

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Prof. Esp. Terezinha de Jesus Medeiros

CAMPINA GRANDE – PB

2015

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M488u Medeiros, Teresa Lisieux Dantas e
O uso da Literatura de Cordel no ensino de História
[manuscrito] / Teresa Lisieux Dantas De Medeiros. - 2015.
41 p.

Digitado.
Monografia (Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas
Interdisciplinares EAD) - Universidade Estadual da Paraíba,
Centro de Educação, 2015.
"Orientação: Profa. Esp. Terezinha de Jesus Medeiros,
Educação".

1.Cordel. 2.Dinamizar. 3.Ensino. 4.História. I. Título.
21. ed. CDD 371.102

TERESA LISIEUX DANTAS DE MEDEIROS

O USO DA LITERATURA DE CORDEL NO ENSINO DE HISTÓRIA

Monografia apresentada ao Curso de Especialização **Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares** da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em 28/02/2015.

Terezinha de Jesus Medeiros

Profª Esp. Terezinha de Jesus Medeiros/UEPB
Orientadora

Maria de Fátima Coutinho Sousa

Ms. Maria de Fátima Coutinho Sousa
Examinadora

Cléa Gurjão Carneiro

Ms. Cléa Gurjão Carneiro
Examinadora

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu pai Sebastião Bezerra que dedicou uma vida inteira a me tornar uma cidadã, que me ensinou valores e lições que levarei por toda minha vida e a minha mãe Maria da Paz que em sua simplicidade me acalmou nas tempestades e sempre me ajudou a levantar. A meu marido Márcio Souto companheiro de luta e sonhos e aos meus alunos que sempre me inspiram a tentar fazer melhor e são a prova viva de que a sala de aula é o meu lugar.

AGRADECIMENTOS

Primeiro aos meus pais por terem me dado asas que me permitiram voar e realizar sonhos.

Ao meu marido e parceiro que caminha sempre ao meu lado em todos os projetos, sendo minha fortaleza e mão amiga.

As minhas “Maria’s” razão do meu viver, que me tornaram um ser humano melhor e são o sol da minha vida, mesmo quando os dias estão nublados.

Aos meus alunos porque com eles solidifiquei a certeza de que estou na profissão certa, pelos projetos que enfrentam ao meu lado e pelo carinho e respeito que existe entre nós.

Aos grandes mestres na vida e na profissão: professor Fábio Gutemberg (in memoriam), Madrinha Marizinha, Tia Zefa, Val Margarida, Rafael Braz, Auricélia Lopes, e todos que contribuíram para minha formação docente.

E por último, mas não menos importante para Tedinha (Terezinha Medeiros, orientadora) por ser um exemplo de passarinho para mim e para muitos de seus conterrâneos. Agradeço pelo exemplo, pelas críticas construtivas, pelo sorriso franco, pela orientação e pela paciência. Obrigada por me ajudar a realizar esse projeto.

RESUMO

Um dos principais desafios enfrentados pelos professores hoje é conseguir realizar a interação do conteúdo didático com os seus alunos. Embora as escolas, hoje, disponham de vários recursos tecnológicos, esses não tem conseguido ser uma ferramenta efetiva no processo de ensino e aprendizagem. Nesse ínterim a nossa pesquisa surge numa tentativa de chamar atenção para o que se ensina e não apenas como se ensina, levantamos a bandeira do uso da literatura popular no ensino de história, como uma ferramenta didático pedagógica que dinamiza o ensino, motiva os jovens, possibilita uma interação dos alunos com os conteúdos didáticos e abre possibilidades para entendermos a História a partir do pensar e sentir popular. Entendendo o cordel como uma literatura que nasce do povo, ela vem carregada de sentimentos, angustias problemas e realidades que nossos alunos vivenciam e este fato reforça ainda mais o uso desse tipo de literatura no ensino da História, sobretudo dentro de uma perspectiva de história social. Assim nosso objetivo principal é proporcionar aos nossos alunos uma nova possibilidade de leitura dos fatos históricos, uma leitura na qual se reconheçam, que os façam pensar e questionar a sociedade e os discursos produzidos, dessa forma acreditamos que estaremos dinamizando o ensino da História.

PALAVRAS – CHAVE: Cordel. Dinamizar. Ensino. História.

ABSTRACT

One of the main challenges facing teachers today is to incorporate the interaction of educational content with their students. Although schools today having several technological resources, these have not been able to be an effective tool in the process of teaching and learning. Accordingly, our research arises in an attempt to draw attention to what is taught not only how to teach, we defend the use of popular literature in history teaching, like a pedagogical didactic tool which streamlines the teaching, motivates the young, allows an interaction from students with didactics contents and open possibilities to understand history from popular thinking and feeling. Understanding the “cordel” as a literature that is born of the people, it is loaded with feelings, anxieties problems and realities that our students experience and this fact further reinforces the use of this type of literature in the teaching of history, especially in a perspective of social history. So our main objective is provide to our students a new reading possibility from historical facts, a reading in which they recognize themselves, make them thinking and question society and produced discourses, thereby we believe we’ll be dynamizing the history teaching.

KEYWORDS: Cord, Dynamic, Instruction, History

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
2	CORDELANDO.....	11
2.1	O nascimento do cordel.....	13
2.2	De gênios iletrados a doutores, que falem os cordelistas... ..	15
2.3	Versejando	18
3	A LEITURA “MATUTA”	21
3.1	A História nas estórias.....	24
3.2	Puxando a farinha “pro” meu saco: Cordel e Crítica social.....	28
4	O CORDELAR.....	35
5	CONCLUSÃO.....	38
	REFERÊNCIAS.....	39

1 INTRODUÇÃO

Nos dias atuais um dos grandes desafios do professor de História, e do docente em geral, tem sido “prender”, “chamar” a atenção do aluno; despertar seu interesse pelo que apresentamos em sala de aula. Mas apesar de todo um apoio tecnológico, que as escolas tem recebido nos últimos anos, ainda não conseguimos lograr êxito nessa empreitada.

São comuns em conversas pelos corredores das escolas, nas horas do intervalo a “queixa” dos professores pelo desinteresse do alunado, e quando se trata da disciplina de História é comum nos discursos de muitos professores a frase “esses alunos tem preguiça de pensar”, antes de tentarmos atribuir culpa e culpados a esse problema tentamos aqui sugerir, apontar uma, das muitas, possíveis possibilidades de minimizar a questão da “falta de interesse” do aluno dentro de sala de aula.

É certo que apreendemos aquilo que nos chama atenção, é comum os adolescentes saberem milhares de músicas e inclusive conseguirem discutir, teorizar sobre suas letras, por que então não fazem o mesmo com os conteúdos em sala de aula? Eles têm dificuldade de escrever sobre a ditadura militar, mas conseguem ler bem a mensagem em “Para não dizer que não falei das flores¹”.

Na verdade juventude combina com mobilidade e mobilidade aqui não deve ser entendida no sentido restrito da palavra, o jovem, o adolescente gosta de se sentir mobilizado, nesse sentido não adianta usarmos data show, DVD, lousa digital, se o nosso conteúdo ainda está preso a velhas fórmulas “decurebas”, instrucionais, decore o slide, pense como eu penso e passará na prova. Trabalhar com o nosso alunado hoje pressupõe que adotemos, se quisermos realmente realizar um processo efetivo do ensino enquanto forma de aprendizagem, uma nova postura, que reavaliemos não apenas os nossos métodos, mas os nossos conteúdos. É dentro dessa perspectiva que sugerimos a literatura de cordel como uma maneira de auxiliar no ensino da História.

A literatura de cordel tem um caráter dinâmico, o seu tom poético, a presença do humor, a linguagem regional e coloquial, os personagens que elegem; tudo isso pinta um quadro que encanta, chama atenção, é lúdico, mas também instrutivo. Quando elaboramos nossa proposta de usar o cordel como recuso didático nas aulas de História levamos em conta todos esses aspectos anteriormente citados, e longe de propor o cordel como a maneira mais dinâmica de ensinar história, apontamos ele como uma das maneiras de dinamizar o ensino da

¹ Aqui me refiro a música de Geraldo Vandré “Para não dizer que não falei das flores” um dos hinos contra a ditadura militar no Brasil e muito usada em aulas de História sobre a Ditadura no Brasil.

História e de chamar/prender a atenção dos alunos, fazendo com que se envolvam e se reconheçam dentro do processo histórico.

A grande maioria de nosso alunado, aqui me refiro aos alunos de escola pública, tem um pai, um avô, uma tia que fala “essa menina só quer ser as pregas”, “tome tento criatura”, esse tipo de linguagem encontramos nos folhetos de cordel e constituem um dos elementos que tornam esse tipo de literatura mais comum ao universo do alunado, eles passam a ver a história contada por pessoas parecidas com seus avós, seus pais, isso aliado ao tom humorístico, faz o cordel um bom aliado no ensinar história. O cordel traz em si diversão e informação, existem cordéis sobre todos os momentos da história nacional, uma pesquisa apurada irá mostrar que os temas presentes nos livros didáticos também são contemplados pela literatura popular², apenas com outra linguagem e roupagem. Nem sempre os mártires e heróis dos livros didáticos serão os mesmos na literatura popular, e nesse ponto acreditamos que se encontra grande parte de sua riqueza para o ensino de História; a possibilidade de suscitar novos olhares para os fatos, de oferecer uma visão popular dos eventos históricos; é a ampliação do leque de leituras para o professor e para o aluno, construindo uma história problema, oportunizando reflexão e questionamento dos fatos.

Nosso trabalho é, na verdade, uma continuação de uma pesquisa realizada durante a graduação em História pela Universidade Federal de Campina Grande, na ocasião trabalhávamos as reformas urbanas de Campina Grande, 1930-1945 e os discursos sobre esse processo e assim usávamos os processos crimes como discurso oficial e a literatura de cordel como um contra discurso, para ouvir/sentir como os populares reagiam, viam aquele processo de modernização.

A partir da graduação começamos a usar de forma esporádica o cordel em sala de aula, na Escola Estadual Antônio Coelho Dantas e passamos a notar o grande envolvimento dos alunos quando apresentávamos o tema nos livros e depois levávamos cordéis para sala de aula. Quando da especialização em Educação pensamos, logo em trabalhar essa temática, acreditando que ela possa abrir possibilidades para outras abordagens na área de história.

Durante esse trabalho realizamos pesquisa bibliográfica tanto na internet, no calçadão de Campina Grande, no LAELL (Laboratório de Apoio ao Ensino de Língua e Literatura) da UFCG, e em nosso município Nova Palmeira-PB, para verificar os temas ligados à História presentes nos cordéis, confesso que nos impressionou a quantidade, variedade e qualidade dos cordéis e dos temas neles encontramos. Seguimos em nosso

² Chamo literatura popular aqui a literatura de cordel.

percurso buscando apoio teórico, e aqui mais uma surpresa, esse trabalho não tem nada de novo, em verdade é mais um dos que defendem essa bandeira do ensinar usando apoio da literatura popular.

Para nos dar suporte nesse trabalho usamos os textos de diversos autores que defendem essa bandeira, dentre os quais Grilo (2003) que além de fazer uma análise interessante sobre a origem da literatura de cordel e seu apelo entre os populares, também enfatiza a estrita ligação entre esse tipo de recurso no desenvolvimento de habilidades relacionadas à leitura e escrita. Encontramos, ainda, no texto de Grilo, aporte teórico para a ligação do cordel com a história, ligação essa também enfatizada em CHARTIER (1996) no que tange a ligação entre história e literatura.

Como historiadora social nos reportamos a DAMATTA (1997) no que se refere ao que ele nos coloca como busca de espaços sociais, e dessa forma podemos usar o cordel também dentro de uma perspectiva de história social, no momento em que entendermos alguns folhetos como gritos, como formas de reagir a violências, como espaços de expressão, e aí entram em campo os folhetos de João Grilo, Pedro Malasartes...

Igualmente interessantes são as discussões levantadas por Ana Cristina Marinho e Hélder Pinheiro em seu “O CORDEL NO COTIDIANO ESCOLAR”. O livro em questão além de uma série de cordéis, aponta estratégias, sugere metodologias e aponta vantagens de usar a literatura popular em sala de aula.

Os trabalhos de CURRAN (1998), TERRA (1983), LACERDA (2010), LINHARES (2006), também foram algumas das fontes que bebemos para fortalecer e aportar nossa pesquisa.

Realizadas as pesquisas, começamos a trabalhar e dos longos meses de trabalho resultou o presente texto “A literatura de cordel no ensino da história” o qual dividimos em dois capítulos. No primeiro abordaremos um pouco o surgimento da literatura de cordel, a importância desse tipo de literatura no ensino, de que falam os folhetos, os principais cordelistas. Já o nosso segundo capítulo é voltado para área da história, sobretudo o uso do cordel dentro da perspectiva de abordagem da história social, inclusive com algumas sugestões de cordéis que contemplam essa abordagem.

Despeço-me dessa introdução tal como a aranha de Patativa do Assaré³: “Diz a aranha prevenida: sou feliz na vida minha,/teço até o fim da vida/sem nunca me faltar linha”.

³ O trecho em questão faz parte de “Cada um no seu lugar” de Patativa do Assaré.

2 CORDELANDO

Por que literatura?

(Bráulio Tavares⁴)

Por que
Literatura?

Pelo simples prazer de descobrir
No real, uma fissura?

Pelo rito ancestral de criar cosmos
Nas usinas da escritura?

Para estender aos arraiais da fala
Nossa visceral tortura?

Para injetar nalgum rincão do caos
O vírus de uma estrutura?

Por sentir que palavra é um brinquedo,
Poesia, uma travessura?

Pelo medo do nada que nos causa
A retangular alvura?

Por que,
Literatura?

O celular canta “o sol já raiou, a alegria chegou...” ah, hora de acordar, as pálpebras ainda estão cansadas da noite anterior, mas valeu a pena, os slides ficaram ótimos! O café da manhã desce a goladas, a hora urge é preciso correr para a escola.

A sala de aula está cheia, o professor entra animado: hoje a aula vai mexer com os alunos, há! Hoje eles vão se surpreender, os slides estão ótimos, o assunto tem muito “pano para mangas”, a Revolta da Vacina! O quadro parece animador, mas eis que os slides começam e a turma assiste silenciosa o desfilarmos de textos e imagens que vão aparecendo a sua frente, toca o horário, acabou! O professor pensa “não sei mais o que fazer!”.

A cena parece desanimadora, mas é uma realidade enfrentada por muitos professores de história nos dias atuais, sim temos data show, dvds, lousa digital, tabletes,

⁴ Bráulio Tavares nasceu em Campina Grande, 1950 é Compositor. Poeta. Letrista. Escritor.

notebooks, então onde está o problema? Porque grande parte dos alunos assistem as aulas de história como meros espectadores?

A resposta a essas questões não é fácil de apontar, e tampouco temos a pretensão de assumir um discurso de ode da verdade, apenas como historiadores e professores podemos sugerir, apontar um caminho, entre tantos, e é nesse intuito que pensamos esse texto.

Chamar atenção dos alunos, fazer com que se relacionem/interajam com os conteúdos tem sido o nosso grande desafio. É certo que hoje temos muitos recursos didáticos, mas estes sozinhos não tem conseguido resolver essa questão, mudamos a forma de mostrar, mas não o que mostramos! Não adianta usarmos data show, slides, vídeos, se estes vem carregado de uma linguagem “truncada” que não fala aos alunos, que não faz parte de seu universo, dessa forma continuamos a reproduzir a história da decoreba e distanciar nossos discentes da história problema. É nesse sentido que pensamos a importância da literatura de cordel no ensino de história, como uma ferramenta didática rica, que chama atenção pela riqueza de bom humor, pelo espírito crítico apurado, pela escrita leve e de fácil entendimento, por sua variedade de temas, de posições ideológicas e de informações. E como nos afirma Anna Christina Bentes:

“A linguagem poética tem o poder de propiciar experiências estéticas e sociais únicas, de permitir reconhecimentos e diferenças entre os indivíduos e culturas, podendo inclusive mudar o rumo de vidas inteiras. Não é a toa que os poetas, populares ou não, foram e ainda são sempre muito vigiados e perseguidos pelos poderosos.” (BENTES, 2012, p.8).

Dessa forma pensamos a literatura de cordel como um recurso didático interessante, o cordel nasce do povo, sua escrita, sua construção é permeados por sentimentos, reações, relações que falam do cotidiano popular, que transformam as temáticas em vivências e daí entendermos o crescimento do número de estudiosos que, hoje, trabalham na perspectiva de mostrar a importância do cordel como fonte histórica e como ferramenta de ensino⁵, esses estudos ainda estão longe de representarem uma unanimidade dentro da área de história, mas é certo que a literatura de cordel e a literatura popular como um todo, vem ganhado espaço desde a emergência da nova história e hoje devem ser pensadas como uma experiência rica de possibilidades no ensino da história seja pelo encantamento e envolvimento que sua natureza poética, promove entre seus leitores; ou mesmo pelo fato dos poetas populares abordarem temas socialmente relevantes para a sociedade, temos ainda com o cordel a possibilidade de colocar o aluno em contato com novas vivências e conhecimentos de diferentes épocas e

⁵ Destaquem-se os trabalhos da Doutora Marinalva Vilar, do Doutor Durval Muniz, da Doutora Ana Cristina Marinho e do Doutor Hélder Pinheiro.

assim realizarem uma leitura de mundo mais ampla, fugindo de discursos oficiais, engessados, cristalizados em muitos livros didáticos, para nós a importância do cordel é oferecer um contra discurso, a possibilidade de uma nova leitura de fatos e momentos históricos, contados, experienciados por populares.

Aqui, no entanto faço uma ressalva, não se trata de abandonar o conhecimento produzido pela academia, mas de oferecer um novo prato, diversificar os sentidos e os sabores da experiência histórica na sala de aula.

2.1 O nascimento do cordel

Antes de seguirmos com a nossa defesa do cordel como instrumento dinamizador no ensino de história precisamos fazer um pequeno recuo no tempo e investigarmos como nasce essa forma literária, de que lugar surge, como surge, o que pretendia, para dessa forma termos condições mais concretas de avaliarmos o potencial dessa manifestação literária em sala de aula.

Não há uma precisão de data quando se fala do surgimento da literatura de cordel, os autores são conflitantes alguns defendem que seu surgimento se deu na Europa do século XII conforme a reportagem do jornal Mundo Lusíadas, por Costa Filho de 02/Abr/2007.

“A “Literatura de Cordel”, vem de Portugal, começou ai por volta do início do século XVII (século 17), mesmo porque, a poesia é eterna, vem da alma dos poetas, dos declamadores, dos cancioneiros e temos notícias já do século XII (século 12), quando ainda falava se o português arcaico, de poesias que ficaram gravadas para a posterioridade, como do poeta dessa data: João Rodrigues de Castelo Branco (COSTA FILHO, 2007, p. 12)”.

Já o Jornal Lendo.org de 17 abril 2009, apresenta a Literatura de Cordel como um dos primeiros núcleos da cultura mundial, relatando que havia manifestações dessa literatura popular no ocidente por volta do século XII no sul da França, onde os peregrinos se encontravam, em direção à Palestina no norte da Itália, para chegar a Roma e ainda na Galícia no Santuário de Santiago.

Descrevendo que nesses encontros eram transmitidos os primeiros versos compostos de forma muito primitiva, essas histórias seguiam acompanhadas de instrumentos musicais, dessa forma espalharam-se pela Europa e, posteriormente, pela América.

Retornando aos conflitos cronológicos Linhares (2006) descreve a data do apogeu do Cordel em Portugal que perdura paralelamente com os românticos do século XVI ao XVIII. Vejamos o que nos diz autora pesquisada, segundo Linhares (apud, Santana, 2009):

“A literatura de Cordel teve sucesso, em Portugal, entre os séculos XVI e XVIII. Os textos podiam ser em verso ou prosa, não sendo invulgar trata-se de peças de teatro, e versavam sobre os mais variados temas. Encontram-se farsas, historietas, contos fantásticos, escritos de fundo histórico moralizantes, etc., não só de autores anônimos, mas também daqueles que, assim, viram a sua obra vendida a preço, como Gil Vicente e Antônio José da Silva, o Judeu. Exemplos conhecidos de literatura de Cordel são histórias de Carlos Magno e os Doze Pares de França, Aprincesa Magalona, histórias de João de Calais e A Donzela Teodora (LINHARES, Thelma R. S. 2006)”.

Linhares (2006) mostra, portanto, que essa forma de literatura podia ser apresentada em forma de teatro, e que não só os anônimos escreviam os Cordéis, mas também os grandes nomes do teatro português como Gil Vicente⁶ e Antônio José da Silva⁷. Partindo dessa afirmativa apontada pelo autor podemos inferir que o cordel não é uma literatura vulgar, fato também comentado por Ana Cristina Marinho e Hélder Pinheiro que em sua obra “O Cordel no Cotidiano Escolar” ressaltam o fato de os cordéis portugueses serem escritos e lidos por pessoas que pertenciam às camadas médias da população portuguesa.

Consagrado então na Europa sua chegada ao Brasil veio através das caravelas, pelas mãos dos Portugueses, e aos poucos foi se revestindo e colorindo com o matuto, o mestiço, o negro, o índio, o branco, e toda a diversidade que envolve esse país continente. Aqui o cordel ganhou formas próprias e foi se tornando cada vez mais popular principalmente no Nordeste e no Sul do País regiões que presentearam o mundo com grandiosos nomes nessa arte. A respeito dessa questão, vejamos o recorte abaixo:

“O primeiro folheto brasileiro, encontrado por Orígenes Lessa, é datado de 1865 e foi publicado no Recife. Escrito sobre o modelo de testamentos de animais, tão apreciados pela literatura de cordel portuguesa, ele contém alusões a acontecimentos da vida pernambucana que comprovam sua escritura brasileira. A partir de 1893, a literatura de folhetos constitui, aos poucos, um conjunto complexo e independente do sistema literário institucionalizado com seus poetas e suas editoras que, até os anos 1960, pertencem frequentemente a poetas. Esta literatura tem suas próprias redes de comercialização (os mascates), sendo vendida nas feiras, nas estações ferroviárias e rodoviárias, e até nas ruas”. (FONSECA, 1999, p. 78).

⁶ Gil Vicente (1466-1536) foi um poeta e dramaturgo português. É considerado, por muitos estudiosos, como o pioneiro do teatro português. Sua obra mais conhecida é “A farsa de Inês Pereira”. Suas obras marcam a fase histórica da passagem da Idade Média para o Renascimento (século XVI).

⁷ Poeta, comediógrafo e advogado, dito *o Judeu*, nasceu em 1705, no Rio de Janeiro, e veio a ser executado em 1739, em Lisboa. É considerado o dramaturgo português mais importante entre Gil Vicente e Almeida Garrett.

Apoiada nas pesquisas por diversos estudiosos do cordel, FONSECA (1999), LINHARES (2006), LACERDA (2010), MARINHO (2012), GRILO (2003), podemos dizer que o termo literatura de cordel foi inicialmente usado pelos estudiosos de nossa cultura para definir os folhetos que eram vendidos nas feiras das pequenas cidades do interior nordestino. Aqui no Nordeste o cordel encontrou terreno fértil e vem se proliferado de forma bem peculiar desde os tempos das caravelas portuguesas. Dessa forma entre os fins do século XIX e início do XX, o cordel passou a ser figura típica, signo identitário do/no nordeste brasileiro, trazido pelos ventos da Europa, aqui ganhou a identidade matuta, nordestina, e se revestiu de nossas cores, hoje conta nossas histórias, hoje fala para nós, sobre nos mesmos, esse é um dos fatos que torna esse tipo de produção textual tão interessante

É certo que o cordel no nordeste nasce no campo, mas pelas mãos dos “gênios iletrados” ganham as cidades, as feiras os fazem circular; o boca a boca, grande expressão midiática, o populariza e hoje na era da internet ele sobrevive e contrariando todas as previsões pragmáticas e dúvidas sobre sua estabilidade em pleno século XXI - Pensou-se que não resistiria em meio à era tecnológica, mas contrariando até mesmo os mais pessimistas o Cordel e os cordelistas evoluíram junto com a aplicação dos conhecimentos científicos a serviço dos antigos folhetos, cordelistas anteriormente analfabetos ou semianalfabetos hoje, já são doutores, e as fronteiras do preconceito com essa arte, muitas vezes classificada com subliteratura ou literatura de incultos rompeu-se, se difundindo e passando a ser respeitada, apreciada e vista como rica e original, entre todas as camadas de leitores, tornando-se inclusive, alvo de estudiosos. Assim corroboramos com Linhares (2009), quando este coloca:

“A literatura de cordel continua um expressivo meio de comunicação neste século XXI, apesar da morte, tantas vezes anunciada, ao longo dos tempos. Felizmente, enquanto expressão cultural, permanece, adaptada, reinventada, no desempenho de suas funções sociais. Informar, formar, divertir, socializar ou poetizar, conforme os diferentes temas que retrata e o enfoque abordado. Da oralidade, lá em suas origens remotas, à era tecnológica, hoje, é real a transformação e adaptação, compatível à própria evolução da humanidade”.

2.2 De gênios iletrados a doutores, que falem os cordelistas...

ABC dos violeiros do Norte⁸

Vou dizer primeiramente

⁸ José Adão Filho, In: TERRA: 1983, p. 50

Uma coisa pouco vista
 Também preciso mostrar
 A todos que estão presentes.
 Os poetas pensadores
 Que não versejam em folhetos
 Pr'a divertir toda gente
 É um a classe diferente
 Tendo embora a mesma arte,
 Quando Leandro era vivo
 Dez livros fez um “estandarte”,
 Inda hoje seus folhetos
 São lidos por toda parte!
 Do meu ABC não privo
 Outro afamado poeta
 Que é da nova geração
 E de rima fácil e correcta,
 Sem Athayde, a festança
 Não ficaria completa
 Sua poesia seleta
 Cada dia mais progride,
 Quem pega no seu folheto
 A ler logo se decide,
 Eu lhe faço esse louvor
 Para que ninguém mais duvide.
 E por isto que affianço
 Por conhecer seu talento
 Num ABC que escreveu
 Revelou bom pensamento,
 Das cantigas do sertão
 Mostrou ter conhecimento.

Nas palavras do professor Valdí Medeiros⁹ os autores de folhetos de cordel foram do julgo de “matutos iletrados à gênios do povo”, na verdade entendemos a posição do professor pois durante muito tempo cordéis e cordelistas foram vistos como sinônimo de atraso, de ausência de educação, de “falta de cultura”, isso dentro de uma visão elitista de sociedade e cultura. Mas no decorrer do tempo histórico essa posição foi, felizmente, mudando e se redefinindo, hoje Jessier Quirino, Bráulio Tavares, Patativa do Assaré, Cego Aderaldo, Manoel Monteiro, Apolônio Alves dos Santos, Inácio da Catingueira, José Adão Filho, Leandro Gomes de Barros, João Martins de Athayde, entre tantos outros são vistos

⁹ Valdí Medeiros é professor de língua portuguesa na Escola Estadual de Ensino Médio Antônio Coelho Dantas, em Nova Palmeira PB e também exímio cordelista, atualmente desenvolve um projeto, na escola, tentando popularizar/divulgar o gênero entre os alunos.

como expressões culturais, especialmente do nordeste, foram elevados à categoria de gênios da literatura popular, Jessier¹⁰ lota teatros pelo Brasil afora.

Os primeiros escritores de folhetos encontravam-se no campo, e aos poucos eles foram saindo, levados nos lombos de jumentos, a pé, nos mistos,¹¹ para as feiras nas cidades, e assim o cordel ia ganhando asas. Nessas andanças iam os cordelistas e seus folhetos carregados de esperança por dias melhores e levando em forma de versos contos, histórias, causos, animando feiras, festas em outras fazendas, desafiando outros cantadores, iam os gênios iletrados, contando e cantando um Brasil para o Brasil.

A grande maioria desses cordelistas eram nordestinos pobres e semialfabetizados (alguns analfabetos mesmo), e eles vão transportando/transformando a poesia popular, antes restrita ao universo familiar e a grupos sociais marginalizados pela sociedade, para novos espaços, outrora reservados aos escritores e homens de letras do país.

Nesse processo vão trazendo para a literatura, a para a sociedade, novos tipos humanos, novas histórias, vão resignificando o malandro, o matuto ingênuo no herói pícaro, como o João Grilo, vão contando e cantando o que vêm e vivem pelo Brasil afora, especialmente pintando e colorindo com novas e interessantes aquarelas o interior nordestino, seus costumes, crenças, seus personagens, sua vida!

É assim que o cordel vai ganhando o nordeste e o Brasil, e os cordelistas vão aos poucos saindo das feiras e circulando por outros espaços, das livrarias às universidades.

Ainda sobre esses autores é preciso reiterar o discurso de Grillo¹² quando em seu estudo sobre a literatura de cordel nos chama atenção para o fato de que o poeta de cordel é o grande narrador da vida local nordestina é o poeta de cordel que, desde fins do século XIX, percorria o sertão de feira em feira, de mercado em mercado, vendendo seus folhetos. Também Manuel Cavalcanti Proença, em sua Antologia, afirma que foi o poeta Laurindo Gomes Maciel quem instituiu, nas feiras do Nordeste, o costume de vender folhetos cantando os versos, pois antes dele esses versos eram simplesmente declamados. (PROENÇA,1986, p. 574).

¹⁰ Refiro-me ao poeta Jessier Quirino, natural de Campina Grande que, hoje, é destaque na mídia nacional por defender e propagar a literatura popular, o que ele próprio chama “literatura matuta”.

¹¹ Carro que levava pessoas, mercadorias e vendedores para as feiras. Era uma mistura de carro de passageiro e caminhão.

¹² Maria Ângela de F. Grillo. Da Cantoria ao folheto: o nascimento da literatura de cordel nordestina, in: Cadernos de estudos sociais, Recife. V.24. nº2, p.187-200.2008

2.3 Versejando

Quando Deus me fez poeta
 fez de um jeito tão preciso
 pegou a minha cabeça
 colocou tanto improvisado
 que quase faltava espaço
 pra colocar o juízo.
 (Manoel Xudú¹³)

O que cantam esses folhetos ilustrados? Suas canções vão além do ser nordeste, do nordestino, eles contam histórias no início do sertão, de lembranças de uma colonização, mas com o advento dos jornais, do rádio, eles versejam sobre o país, sobre o mundo, sobre os acontecimentos que lhes são interessantes.

Seus versos, em linguagem matuta, nos alcançam, falam a nós, sobre nós mesmos, e sobre os acontecimentos que vão fazendo/construindo nossa história. Seus olhares, seletivos, não pretendem imparcialidade, antes tomam partido e defendem, muitos a bandeira, de quem ficou excluído de uma história elitista que oficializou/oficializa lugares conforme a condição sócio econômica dos sujeitos.

Nesse ínterim concordamos com Grillo quando esta nos coloca que:

“Esse tipo de literatura ocupa um espaço de criação que deve ser percebido em vários níveis: o simbólico, o artístico, o linguístico, o social, o político, o econômico e especialmente o histórico. Desde que surgiu no Nordeste do Brasil, independente do sistema literário institucionalizado, em meados do século XIX, vem-se testemunhando fatos da História do Brasil, o que revela a preocupação dos poetas e ouvintes com o mundo ao seu redor (GRILLO, 2003, p.213).

Desse modo poetas paraibanos e nordestinos em geral iam cantando, declamando, versejando sobre o que viam, o que viviam suas impressões sobre sua terra e seu país. E em seu versejar memórias ricas e plurais que nos contam e remontam a momentos e lugares conhecidos ou não, mas sempre cheios de um colorido que encanta pela simplicidade e subjetividade que apresentam. Assim podemos, por exemplo, sentir como o poeta José Adão Filho, conhecido por sua escrita rebelde, com motes e glosas, geralmente polêmicos, carregados de críticas e questionamentos, com tudo aquilo que não concordava ou que não acreditava.

De acordo com Ruth Terra¹⁴, ele se apresentava como um crítico ferrenho com relação às ações da Igreja Católica e do Vaticano, responsabilizando-os pelo fanatismo e pela

¹³ Manoel Xudú sobrinho é cordelista, repentista e poeta paraibano da cidade de Pilar.

exploração dos fiéis, além de questionar sobre a moral duvidosa dos padres e denunciar sua avidez por dinheiro. Adão declarava não ser católico, defendia a liberdade de culto proposta na Constituição, ele ainda defendia o casamento civil, cantado por muitos de seus colegas como “civil libidinoso”, ou “lei di cão”. Nesse sentido, além de aceitar a República, exaltava suas leis, conforme deixa registrado em seu folheto intitulado O egoísmo do Catolicismo:

De quatro coisas precisa
a nação neste momento:
proibir a mancebia
exigindo o casamento
de acordo com a lei civil.
dando as leis do Brasil
seu devido cumprimento!
(TERRA, 1983, p. 54).

O poeta José Francisco Soares, nascido em Campina Grande, no ano de 1914, que começou a versejar ainda na adolescência e buscava as notícias que chegavam através do rádio ou do jornal, assunto para seus versos, ele ficou conhecido como o “poeta repórter”. De sua pena registram-se cerca de trezentos folhetos circunstanciais como: A morte do ex-presidente Getúlio Vargas, O assassinato de Kennedy, em Dai/as, A renúncia de Jânio Quadros, entre outros.

Assim ao contar/recontar os fatos que aconteciam no país alguns poetas, além de fazerem críticas, adequavam essas notícias ao universo de valores e crenças de seu público, fazendo com que o ponto de vista do texto coincida com o do seu leitor. Fatos de natureza política ou econômica em geral são apresentados enfatizando-se sua repercussão sobre as camadas populares, compostas no nordeste por trabalhadores rurais, vendedores dos mais variados produtos, empregados do comércio, etc, grande maioria do público de cordel.

Dessa forma, retomamos o discurso de Grillo no que se refere a posição do cordelista, do poeta popular, enquanto um grande narrador da vida local nordestina, é o poeta de cordel que, desde fins do século XIX, percorria o sertão de feira em feira, de mercado em mercado, vendendo seus folhetos, e em seus versos relatam o cotidiano da nossa História, nos quais eram dadas representações diversas (muitas vezes opostas) às contidas em jornais, em textos literários e em livros didáticos.

Tais folhetos, além de relatar eventos sociais, políticos, econômicos como: inundações, secas, casamentos, vitórias eleitorais, instalação de novas leis, vida e morte de

¹⁴ Ruth Terra apud Grillo Maria Ângela de F. “Da Cantoria ao folheto: o nascimento da literatura de cordel nordestina”, in: Cadernos de estudos sociais, Recife. V.24. nº2., p.187-200.2008

homens políticos, servem também para suprir a escassa circulação de jornal no sertão, pois, ao mesmo tempo em que representa uma forma de literatura não convencional, instrui, diverte e informa à população os acontecimentos da época.

3 A LEITURA “MATUTA”

E quem garante que a História
É carroça abandonada
Numa beira de estrada
Ou numa estação inglória

A História é um carro alegre
Cheio de um povo contente
Que atropela indiferente
Todo aquele que a negue

É um trem riscando trilhos
Abrindo novos espaços
Acenando muitos braços
Balançando nossos filhos¹⁵

Se hoje é certo que os estudos no âmbito acadêmico apontam para a necessidade de uma história problema, vivida, sentida e construída social e culturalmente,¹⁶ tem que se imprimir ao conhecimento histórico um olhar mais dinâmico e plural. Na verdade quando a nova história surge, ela pretende preencher lacunas e espaços de exclusão que eram construídos e edificados pela escola metódica e sua história oficial.

Nesse sentido diversificam-se as linhas de pensamentos, as fontes, as formas de fazer, escrever e ver a história, mas esse movimento iniciado pelos Annales e tão trabalhado nos cursos de graduação de história nas universidades brasileiras, muitas vezes não tem chegado às salas de aula.

O que ainda vemos no âmbito do ensino de história é o “decoreba” em detrimento do livre pensar, do questionar, decore o que o professor diz, pense como ele e ai passará na prova, ultrapassar essas barreira é um dos nossos desafios. Estimular o gosto do aluno, seu interesse pela história, fazê-lo se ver como um ator social, um ser que cria, tem, participa do processo histórico como agente e não como mero espectador.

É nesse sentido, buscando uma história mais ativa, na qual os alunos se reconheçam, pensem e reflitam sobre os acontecimentos que defendemos o uso da literatura de cordel no ensino de história.

Juventude e inquietude são quase sinônimas no mundo contemporâneo, a juventude se interessa por aquilo que a põe em movimento, a literatura de cordel vem ao encontro dessa necessidade.

¹⁵ Trecho da música Canción Por La Unidad de Latino America de Chico Buarque e Pablo Milanez.

¹⁶ Isso levando em conta a ideia da nova história e, sobretudo em suas vertentes social e cultural.

A forma de escrita do cordel chama atenção dos jovens, seja pela linguagem poética, pelos tipos humanos presentes nos textos, pelos aspectos humorísticos, críticos, o cordel prende o leitor e faz do conhecimento algo mais dinâmico, acessível e significativo para seus leitores.

“O cordel fonte histórica, considerando as suas próprias peculiaridades, permite justamente pensar as diversidades das práticas culturais, os significados que os grupos sociais dão ao seu cotidiano. Ao lado disso, o próprio texto do cordel, devido ao seu caráter de poesia rimada e de fácil entendimento, pode se apresentar como um ponto de partida para que muitas crianças, adolescentes e jovens tenham mais contato com a leitura e com a escrita, problemas sempre abordados por professores, tanto do ensino Fundamental como do Médio, quando se trata de apontar dificuldades para o ensino de História”. (LACERDA, 2010, p.218).

Em nossa defesa do uso da literatura de cordel no ensino de história optamos por trabalhar com os chamados folhetos de circunstâncias ou de acontecimentos, que narram em linguagem popular os acontecimentos do cotidiano vividos ou observados pelos poetas, eles vão desde acontecimentos político-sociais da região, país e do mundo, até histórias de assassinatos de pessoas famosas, por suas características esse tipo de folheto é rico do ponto de vista da variedade de temas, imagens e sentidos constituindo-se assim em fonte interessante para o estudo histórico.

De tudo que acontecia
No país ia escrevendo...
Padre Cícero, Lampião,
Ia o povo tudo lendo.
Criou o hábito no povo
De ler um folheto novo
Para a notícia ir sabendo
(CAVALCANTE, 2000)

Maria Grillo nos chama atenção para o fato de que “inúmeros são os eventos do século XX contidos nos folhetos que relatam o cotidiano da nossa História e nos quais são dadas representações diversas das contidas nos livros didáticos” (GRILLO, 2006, p. 83). Não se trata aqui da supressão do livro didático, mas de oferecer novas possibilidades de leituras, sentidos e significados aos fatos. Trata-se de ampliar o leque de análise dos alunos. Nessa empreitada o livro didático não fica obsoleto, mas também não atua como única fonte de pesquisa e conhecimento, devemos ter sempre o cuidado de utilizar os dois recursos de forma conjunta, o livro introduz o conteúdo e os cordéis vem em seguida para permitir outras possibilidades de leituras e interpretações. E como nos aponta Silva os alunos devem saber

para que vão ler os folhetos, levando-se em conta se a linguagem está adequada à série dos alunos, e que “tanto o objetivo como o texto ofereçam motivação para a realização da tarefa” (SILVA, 2004, p. 80). Esses conhecimentos prévios viriam da introdução do conteúdo pelo professor a partir do livro didático. Assim, durante a leitura do cordel, os alunos irão reconhecer o assunto tratado.

Ainda sobre como usar os cordéis de forma mais dinâmica em sala de aula é preciso que pensemos que estes nascem para serem lidos, declamados em voz alta, a leitura oral coletiva desvia o foco de atenção do professor e faz o aluno se sentir protagonista no processo ensino-aprendizagem é também relevante trabalhar a escrita desse tipo de texto, motivar os alunos a escreverem sobre o que veem e sentem, sobre os acontecimentos de sua comunidade, do país e do mundo que mais lhes chamam atenção, o aluno torna-se produtor de conhecimento e esse processo efetiva uma importante conquista: a independência intelectual.

Seguindo as diretrizes apontadas por Lacerda “O primeiro passo para a utilização do cordel na sala de aula é fazer um levantamento de quais folhetos se relacionam com o assunto tratado”. (LACERDA, 2010, p. 227). Aqui na Paraíba a produção de cordel tem grande destaque e encontramos cordéis que passeiam/permeiam grande parte da história brasileira, grande parte desse acervo encontra-se no Laboratório de Apoio ao Ensino de Língua e Literatura da Universidade Federal de Campina Grande, campus 1 (LAELL-UFCG), mas aos professores internautas são oferecidos vários sites na internet que contam com textos de poetas da atualidade, como também dos mais antigos, além de cordéis independentes vendidos estendidos em cordas que ainda acenam de algumas barracas nas feiras.

Após o levantamento da relação de folhetos, o professor deve trabalhar junto com os alunos no procedimento de análise. Como qualquer fonte, o folheto de cordel deve ser criticado e entendido dentro do contexto em que foi produzido. O cuidado que o professor deve ter com esses folhetos selecionados é que eles estão dentro de um contexto, entende-lo é parte fundamental do processo para que não cometamos anacronismos e reproduzamos (pré) conceitos.

3.1 A História nas estórias¹⁷

Que os cordéis falam já sabemos, mas nossa busca é encontrar por trás das estórias, a história. Aqui também somos convidados a sermos detetives, a ficarmos atentos as

¹⁷ A palavra estórias está grafada dessa forma como uma referência a literatura de cordel, pois em grande quantidade de cordéis, pesquisados o termo história aparecia como estórias.

ironias, as entrelinhas, ao dito e ao não dito, dessa forma as estórias vão ganhando novas cores, significados.

Nesse nosso trabalho vamos buscando através dos inúmeros tipos de cordéis e da visão de seus poetas novas matizes e facetas para a ampliação do leque interpretativo da História. Para que não percamos o foco em ver história nas estórias observemos o folheto de Thadeu de Serpa Martins “O assassinato do Dr. João Pessoa”, em que faz um relato dos acontecimentos da sucessão presidencial, culminando com a morte de João Pessoa:

“Rio Grande e Parahyba/ juntos com Minas Geraes/ se uniram elles tres/se fizeram liberaes/ e foram lutar os tres/ com dezeseite rivaes.
Com a morte de João Pessoa/ perdeu o nosso paíz/ o único filho que tinha/
capaz de o fazer feliz,/ que alimentava este sonho/ porem a sorte não quis
(MARTINS, 1930, p. 3;12)”.

A partir dos versos do folheto de Thadeu de Serpa Martins, o professor pode dar uma boa aula de história, e explicar, por exemplo, os eventos que culminaram com a “revolução” de 1930, (como historiadora social prefiro golpe de 1930) e como foi importante a construção do mito João Pessoa, da sua morte em prol da liberdade, de sua luta contra o coronelismo, ele foi praticamente beatificado e esse discurso construído entre as lideranças da Aliança Liberal serviu de pretexto para a grande “Revolução” de 1930. Apesar da morte do político paraibano “combinar razões privadas e públicas, só se deu destaque às últimas, pois as primeiras arranhariam a figura de João Pessoa como mártir da revolução” (FAUSTO, 2006, p. 180).

Ainda sobre o golpe que colocou o “pai dos pobres” no poder, muito pode ser recontado pelas “linhas matutas”, ele e sua chegada ao poder são alvo de inúmeros cordéis Brasil afora. Arinos de Belém produz o folheto A Revolução brasileira, em que celebra o novo governo:

“Seja bemdicta a Revolta/ que desde o sul até nós/ abateu a tirannia/ e o predomínio feroz/ de quem sugava a Nação/ com destemor tão atroz.
Salve! povo do Brasil!/ a redempção já chegou/ só depois de muitos annos/
a Revolta rebentou/ para grandesa do povo/ que muito tempo esperou.
(BELÉM, 1930, p. 12; 15)”.

O cordel em questão suscita muitas reflexões sobre o movimento que levou Vargas ao poder, começemos pelo fato do cordelista denominar o movimento de “Revolução” e “Revolta” dando um tom heróico à ascensão de Vargas em 1930, essa leitura dos acontecimentos de 1930 parte de um ponto de vista de uma história escrita pelos vencedores, e aqui podemos fazer uma reflexão não só do golpe de 1930 como da própria concepção de história. Tomando emprestada a fala de Lacerda “o professor pode demonstrar que a História

não é “pronta e acabada”, sendo, ao longo dos anos, objeto de constante discussão: se antes, o movimento que levou Getúlio ao poder em 1930 era considerado uma “Revolução”, hoje há historiadores que vêem esse movimento como um golpe”. (LARCEDA, 2010, p.229).

Ainda sobre o cordel de Belém podemos discutir sobre o fato de que o novo regime em ascensão buscava legitimar-se, não basta chegar ao poder é preciso mante-lo, construir um discurso que colocasse as ações de Vargas como fruto de um ato heróico, através de um movimento de luta, no qual seus líderes colocaram sua vida em risco a serviço da nação era necessário na busca da legitimação.

Nessa leitura o novo regime contrapunha-se ao velho, daí “República Velha”, outras reflexões são passíveis aqui, uma com relação à ideia de velho, ultrapassado, que notadamente era usada para definir os que se chamava dos governos oligárquicos, e outra centrada nos discursos que alijam o novo ao progresso, avanço, felicidade. Assim a Nova República vinha para trazer a grandeza ao povo. Em sala de aula tais elementos são de grande utilidade para o professor de história, tanto para trabalhar o conceito de velho, velhice, de moderno e modernidade, tanto para questionar se com a chamada “revolução” de 1930, que pregava o fim dos governos oligárquicos, o fim do coronelismo essas práticas chegaram ao fim.

No período da Segunda Guerra Mundial, também encontramos uma grande quantidade de folhetos publicados sobre o conflito. Em 1942, o Brasil entra oficialmente na guerra ao lado dos aliados, mas bem sabemos (hoje) que Vargas nutria grande simpatia pelos regimes nazifascistas. Mas enfim o Brasil rompe com os países do eixo e logo trata de construir toda uma teia discursiva que justifique o fato, o ataque a navios brasileiros, as atrocidades contra os judeus, os planos imperialistas de Hitler... A população vai sendo bombardeada e convocada a lutar pela vida e pela liberdade. Nessa época encontramos o folheto de Zé Vicente O Brasil rompeu com eles, este é uma obra carregada com o tom dos discursos construídos pela égide do Estado Novo e assim vem carregado com apelo nacionalista:

“Em cada peito brasileiro/ bate um livre coração./ Brasileiro não nasceu,/ para arrastar-se no chão./ É preferível morrer/ a ser servo de alemão.
Contra o Regimen Nazista/ lutaremos com vigor./ Vamos mostrar firmemente/ também o nosso valor./ Assim faz o brasileiro/ que a seu país tem amor (VICENTE, 1943, p. 2)”.

Acho importante também pensarmos que Zé Vicente era uma pessoa simples, sem muita instrução e sua leitura dos eventos reflete a visão de grande parcela da população brasileira, de forma que cabe nos questionarmos sobre os mecanismos utilizados pela nova

república para construir uma história/memória edificadora, mecanismos de controle social e até que ponto tais mecanismo vigoram em nossa sociedade.

Esses versos se inserem num contexto de forte divulgação nacionalista pelos organismos de controle do Estado Novo, sobretudo o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda). Cabe aqui uma observação acerca da propaganda ideológica do Estado Novo: este conduziu seu poder através do populismo e de um ideal nacionalista, que uniformizava todos os brasileiros como iguais, somente abaixo do grande “pai da nação”. A ideia vendida não tinha caráter conscientizador, ao contrário, utilizava-se do misticismo em torno do líder nacional e de seu governo popular.

O discurso aqui era usado como forma de manipulação e controle social, todo o trabalho de propaganda/censura desempenhado pelo DIP no Estado Novo terminou por influenciar várias publicações da época, já que havia a censura do DIP. Nessa conjuntura, era mais difícil criticar o governo. Assim, torna-se mais claro entender o porquê de Zé Vicente escrever versos de apoio ao Brasil e aos Aliados e de ataques à Alemanha e ao Eixo, os “inimigos da nação”. Um exemplo de atividade com o cordel na sala de aula seria, a partir desses versos, analisar a atuação do DIP no Estado Novo, discutir como foi sendo construída a imagem de Vargas e perceber essas construções no livro didático.

Esses são apenas dois exemplos de como podemos utilizar o cordel como recurso didático nas aulas de História. Além da Era Vargas, outros temas podem ser abordados valendo-se dos folhetos; uma pesquisa sobre o tema mostrará que grande parte da história de nosso país e da história mundial encontra-se impressa nessas estórias. E embora aqui tenhamos trabalhado o cordel como uma fonte histórica para o entendimento do passado, engana-se quem pensa que tal fonte não tem mais importância no mundo de hoje com todos os avanços dos meios de comunicação, da era digital.

Na verdade a tradição do cordel continua relevante até hoje, ele se reinventa como, sugerem os folhetos, as Diretas Já, sobre as Torres Gêmeas, sobre o governo Lula, a eleição de Obama, na verdade temos um grande leque de matéria prima, e a sobrevivência do cordel pode ser sentida, também, pelo bom número de editoras de folhetos espalhadas, especialmente, no Nordeste: Gonçalves Pena (Paraíba), Popular Editora (Paraíba), Tupynanquim (Ceará), Coqueiro (Pernambuco) e Queima-Bucha (Rio Grande do Norte). Essas editoras, além de lançar novos poetas e folhetos, estão republicando folhetos antigos. Existe ainda a produção de folhetos de cordel de forma independente por poetas. Foi possível localizar alguns deles até mesmo dentro do município de Nova Palmeira: Valdí Medeiros, Joãozinho de Agripino, os quais no brindam com poesias recheadas com a cor local, são

nossos problemas, nossa história contada de outro prisma, e que também deve ser levado em conta por professores de história, e me atrevo a dizer de outras áreas também.

Toda política é assim!

O político é uma classe
Que parece assombração,
Só se sabe que existe
Mediante aparição;
Depois de mais quatro anos,
Reencarna em ser humano,
Na época da eleição

Nesse entrevero ele é
O “porta-voz” da mudança;
Faz liquidação barata
De promessa e de esperança;
Toca o samba popular,
Mas em vez dele dançar
Depois o povo é quem dança.

É o candidato mais sério,
Honesto! Trabalhador...
Apertando a mão do povo,
Tratando até de Doutor;
Numa humildade tamanha
Que em “Hoollyood” ele ganha
Oscar de melhor ator.

Aí os “bons” candidatos
Fazem discurso inflamado,
Solidários com os problemas
Desse povo abandonado;
Sangrando no coração
Com a triste situação
Pela qual são os culpados.

Só se vê gente correndo:
Enche rua! Enche praça!
No mesmo apertar de mãos!
No mesmo beija e abraça...
E o povo vai na conversa,
Confia em qualquer promessa
Que o sem vergonha lhe faça.

Cada promessa que faz
É um grito de “Já ganhou”!
Um aplauso demorado
De uns dez cabras que comprou...
De “vivas” tem uma tora
E mais um V da vitória,
Que um babão já levantou
(Valdí Medeiros de Oliveira; 25/07/2010).

O Cordel acima de autoria de Valdí Medeiros retrata um pouco de suas impressões sobre as práticas políticas do município no qual reside (Nova Palmeira - PB), e constitui material muito importante dentro de uma perspectiva de abordagem histórica mais centrada em temas sociais. Na verdade uma análise do texto permite uma reflexão das práticas políticas que vão além do município em que vive o autor (do qual também sou moradora), notadamente encontramos margem para trabalhar coronelismo, voto de cabresto, ética, cidadania, dentre outros temas relevantes para a disciplina de História, como também permite aos alunos trabalharem a partir de uma realidade vivenciada por eles, é nesse sentido que reiteramos a defesa de que deve-se buscar na comunidade, caso haja, autores de cordéis e que suas produções devem ser levadas em conta no fazer história.

Além de tudo o que foi anteriormente citado devemos dizer que há uma extensa bibliografia acerca dessa temática que permite ao professor que pretende utilizá-la na escola uma boa reflexão sobre história e literatura (CHARTIER, 1996).

E como nos fala Lacerda “a discussão acerca da literatura de cordel continua atual, podendo ser sem dúvida um caminho para a constituição do conhecimento histórico na sala de aula, fugindo-se da dicotomia ensino e pesquisa”. (LACERDA, 2010, p.231).

3.2 Puxando a farinha “pro” meu saco: Cordel e Crítica social

Durante muito tempo a História foi uma ciência dos grandes homens, homens que realizavam feitos que mudavam a vida de outros, eles individualmente eram portadores de historicidade e devíamos conhecer suas histórias e guardar e cultuar seus nomes e feitos, pois estes tinham “mudado” nossas vidas. Quanto aos demais: os camponeses do final da Idade Média, os operários urbanos das sociedades industriais, os escravos do Brasil Colonial... A história os conhecia sempre através dos registros massivos, que anotaram as datas de seus nascimentos, o número de filhos, a morte, a ocupação, e as modalidades de pertencimento (a um senhorio na Idade Média ou a uma indústria no mundo capitalista). Nestes momentos, as massas falavam à História através de números que registram a sua laboriosa e sofrida passividade. Mas quando ocorria um motim, uma insurreição, um protesto público, pela primeira vez a massa de despossuídos era ouvida não através da passividade dos números silenciosos, e sim através dos gestos violentos e ruidosos.

Para ocupar esse espaço, para preencher essa lacuna na História, é que surge a História Social, esta enquanto modalidade começa a aparecer de maneira auto-referenciada

por ocasião do surgimento na França do Grupo dos Annales, e que naquele momento principia a se mostrar claramente construída – ao lado da História Econômica – por oposição à História Política tradicional.

Nesta esteira inicial, houve quem direcionasse a expressão “História Social” para uma história das grandes massas ou para uma história dos grupos sociais de várias espécies (em contraste com a biografia dos grandes homens e com a História das Instituições a que tinha sido tão afeita à historiografia do século anterior).

O fato é que com a história social abre-se um novo leque, novas possibilidades de pensar/escrever e ver a História, não mais preocupada apenas com o poder institucional, mas sim com todas as formas de poder que circulam em qualquer sociedade, inclusive os micropoderes que afetam a vida cotidiana e as relações familiares. O quadro das dimensões historiográficas, portanto, multidiversificava-se – e é neste contexto que pode ser definido um primeiro sentido para a História Social.

Dessa forma, a História Social pode ser elaborada tanto do ponto de vista de uma Macro-História, que examina de um lugar mais distanciado aspectos como os movimentos sociais ou como a estratificação social de uma determinada realidade humana, como pode ser elaborada do ponto de vista de uma Micro-História, que se aproxima para enxergar de perto o cotidiano, as trajetórias individuais, as práticas que só são percebidas quando é examinado um determinado tipo de documentação em detalhe (por exemplo os inquéritos policiais, os documentos da Inquisição, mas também determinadas produções culturais do âmbito popular onde transpareçam elementos da vida cotidiana, das relações familiares, e assim por diante).

Os historiadores sociais da atualidade têm precisamente prestado muita atenção a um vasto manancial de fontes que por muito tempo foi esquecido tem adotado a intradisciplinaridade como forma de ouvir mais atentamente os discursos, as práticas que emanavam/emanam do povo, nesse sentido a ponte com a História Cultural tem sido de grande ajuda, e dessa relação que surge o nosso interesse e preocupação de trabalhar a literatura de cordel no ensino de história.

O cordel é uma forma literária que nasce do povo, do meio da feira e nos contam como as pessoas sentiam e viviam as realidades, as normas, os poderes que lhes eram impostos pelas camadas que comandavam o todo social.

Assim a literatura de cordel, no decorrer de sua trajetória, tem mostrado inúmeras facetas: seja se apresentando como instrumento de lazer, de diversão, de informação, como também de reivindicações sociais. Através de seus versos, de seu tom humorístico, muitos cordelistas imprimiam/imprimem em seus textos denúncias, pedidos, casos e descasos de

justiça e injustiça, de mandos e desmandos. Assim muitos são os cordéis que retratam a seca no Nordeste e o abandono da região, a fome e a morte, os coronéis e seu poder, também são temas muito comuns nos folhetos, e personagens como João Grilo e Pedro Malasartes são (no nosso ponto de vista) um grito de vingança/esperança que os poetas deixam escapar.

E assim acredito que dentre as várias vertentes da história que o cordel possibilita trabalhar, destaco a linha da história social, esse vertente possibilita, como nenhuma outra, trabalhar conceitos de cidadania, ética, liberdade, conflitos, ela ouve os gritos e apelos que muitas vezes outras áreas da história não escutam. E para um historiador social o cordel oferece muito “pano para mangas”, a escrita vem, geralmente, dos “debaixo” e o contraponto é o livro didático, produzido “pelos de cima”, ambos em conjunto oferecem grandes possibilidades de se pensar/fazer história.

Assim poemas como As proezas de João Grilo (João Martins de Athayde), Presepadas de Pedro Malasartes (Francisco Sales Arede), A morte de Nanã (Patativa do Assaré), A Seca no Ceará (Leandro Gomes de Barros), Viagem a São Saruel (Manuel Camilo dos Santos), A chegada da Prostituta ao Céu (José Francisco Borges), A triste partida (Patativa do Assaré) são todos exemplos de cordéis que trabalham a vertente da história social. E que podem ser usados em sala de aula, por historiadores sociais, como também de qualquer outra vertente.

Dos heróis pícaros como João Grilo e Pedro Malasartes, a vontade de “dar o troco”, que rompe com a ideia de povo passivo, bestializado, inocente, alheio aos acontecimentos. Na nossa perspectiva Malasartes, João Grilo e outros refletem o sentimento de revolta do povo, contra o abandono, o descaso, a injustiça sentida/vivenciada pelas camadas mais pobres da população, sempre a mercê das vontades e desejos dos coronéis e de outros poderes coercitivos que os negavam os direitos de cidadania.

Na literatura de cordel a figura do malandro, do qual os maiores expoentes são Pedro Malasartes e João Grilo, é vista como sinônimo de esperteza. O malandro é alguém sagaz que consegue driblar as intempéries do dia-a-dia. Essa figura comum no cordel paraibano (e no cordel em geral) aparece sempre ligada a um sentido positivo. Através das figuras de Malasartes e João Grilo podemos compreender melhor o discurso popular; uma análise desses cordéis permite perceber o porquê da forte identificação da “gente simples” com esses personagens, esses reis das artimanhas, com suas astúcias e espertezas enganavam ricos e poderosos, com um comportamento “nada aceitável” conseguiam burlar as regras e

padrões estabelecidos, criando o que Roberto da Matta¹⁸ chama de novos espaços sociais, espaços que transbordam fronteiras, discursos e práticas.

As proezas de João Grilo

(João Martins de Athayde)

Certa vez chegou na corte
um mendigo esfarrapado
com uma mochila nas costas
dois guardas de cada lado
seu rosto cheio de mágoa
os olhos vertendo água
fazia pena o coitado.

Junto dele estava um duque
que veio denunciar
dizendo que o mendigo
na prisão ia morar
por não pagar a despesa
que fizera com afoiteza
sem ninguém lhe convidar.

João Grilo disse ao mendigo:
e como é, pobretão
que se faz um despesa
sem ter no bolso um tostão?
Me conte todo o passado
depois de ter-lhe escutado
lhe darei razão ou não.

Disse o mendigo: sou pobre
e fui pedir uma esmola
na casa do senhor duque
e levei minha sacola
quando cheguei na cozinha
vi cozinhando galinha
numa grande caçarola.

Como a comida cheirava
eu tive apetite nela
tirei um taco de pão
e marchei pro lado dela
e sem pensar na desgraça
botei o pão na fumaça
que saía da panela.

O cozinheiro zangou-se
chamou logo o senhor
dizendo que eu roubara
da comida seu sabor
só por ter eu colocado

¹⁸ DAMATTA, Roberto, In: Carnavais, Malandros e Heróis. Rio de Janeiro, Rocco, 1997, 6ª Ed. p.266

um taco de pão mirrado
aproveitando o pavor.

Por isso fui obrigado
a pagar esta quantia
como não tive dinheiro
o duque por tirania
mandou trazer-me escoltado
pra depois ser julgado
ser posto na enxovia.

João Grilo disse: está bom:
não precisa mais falar;
então pergunto ao duque:
quanto o homem vai pagar?
-Cinco coroas de prata
ou paga ou vai pra chibata
não lhe deve perdoar.

João Grilo tirou do bolso
a importância cobrada
na mochila do mendigo
deixou-a depositada
e disse para o mendigo:
balance a mochila, amigo
pro duque ouvir a zoada.

O mendigo sem demora
fez como o Grilo mandou
pegou sua mochilinha
com a prata balançou
sem compreender o truque
bem no ouvido do duque
o dinheiro tilintou.

Disse o duque enfurecido:
mas não recebi o meu;
diz o Grilo: sim senhor
e isto foi o que valeu
deixe de ser batoteiro
o tinido do dinheiro
o senhor já recebeu.

-Você diz que o mendigo
por ter provado o vapor
foi mesmo que ter comido
seu manjar e seu sabor
pois também é verdadeiro
que o tinir do dinheiro
represente seu valor.

Virou-se para o mendigo
e disse: estás perdoado
leva o dinheiro que dei-te
vai para casa descansado;

o duque olhou para o Grilo
depois de dar um estrilo
saiu por ali danado.

A fama então de João Grilo
foi de nação em nação,
por sua sabedoria
e por seu bom coração
sem ser por ele esperado
um dia foi convida
para visitar o sultão.

Nesse texto percebe-se que a figura de João Grilo usa de astúcia para desmoralizar a ação do duque, o mendigo é protegido pelo herói, este por sua vez usa de meios nada convencionais para livrar o mendigo da situação adversa, aqui o malandro e toda sua malandragem são necessários, justificados pela necessidade de sobrevivência em meio aos grupos poderosos e suas regras. Faz-se necessário salientar que nem sempre esses “heróis às avessas” vão agir em benefício do próximo, na verdade na grande maioria dos cordéis personagens como Malasartes e Grilo vão agir em proveito próprio, embora uma análise de seus alvos preferidos (grandes fazendeiros, membros do clero, políticos) nos revelem muito do sentimento popular com relação ao contexto histórico em que viviam, da busca de justiça, do descaso e abandono, sobretudo dos governos e políticas com relação ao nordeste. Todo esse grande leque de leituras e interpretações faz com que esses textos exerçam um grande poder de empatia para com os alunos, pois os velhos problemas sociais não foram extirpados de nossa sociedade o que torna a literatura de cordel uma ferramenta histórica atual e pelo seu tom e poesia também dinâmica para professores e alunos.

Outro tema recorrente na história social e que também pode ser trabalhado em sala de aula é a questão da prostituição, esse é um tema, geralmente, muito polêmico, é uma questão social e a escola não deve se imiscuir de tal questão, e ainda aqui a literatura de cordel pode nos oferecer um suporte para trabalhar essa temática. Vejamos o cordel de José Francisco Borges:

**A chegada da prostituta no céu
(J. Borges)**

Do rosto da poesia
eu tirei o santo véu
e pedi licença a ela

para tirar o chapéu
e escrever a chegada
da prostituta no céu.

Sabemos que a prostituta

é também um ser humano
que por uma ilusão
fraqueza ou desengano
o seu viver é volúvel
sempre abraça ao engano.

Todas as religiões
para ela escala uma pena
se o homem lhe abraça
a mulher casada condena
mas sabemos que Jesus
perdoou a Madalena.

Falar sobre prostituta
é um caso muito sério
que é um ser sofredor
sua vida é de mistério
e para sobreviver
sempre usa o adultério

Perante a sociedade
ela é marginalizada
existe umas mais calmas
e outras mais depravadas
e quem tem mais ódio delas
é a própria mulher casada.

Ela vive aqui na terra
enfrentando um sacrifício
se vende para os homens
muitas se entrega no vício
e nova se estraga
e faz da miséria ofício.

Na terra não teve apoio
em meio a sociedade
levou a vida sofrendo
e fazendo caridade
aceitando preto e branco
que tinha necessidade.

Mesmo com as prostitutas
vive cheio de tarado
correndo atrás das moças
e mulher de homem casado
se não houvesse prostituta
qual seria o resultado?

Aqui termina o livrinho
em favor da prostituta
para vender aos homens,
a rapaz, corno e puta
pessoas de baixo porte
e aos de boa conduta.

O texto acima serve como referência para percebermos uma das representações de prostituta expressa pela literatura de cordel, está ao contrário do discurso oficial que circunscreve a prostituta apenas ao aspecto da ilegalidade, do comportamento amoral, marginal. Na nossa pesquisa verificamos que alguns cordéis, como o acima, há uma tentativa de justificar as práticas dessas “mulheres damas” que tem sua existência veiculada ao abandono, falta de proteção ou dificuldade financeira. E suas atitudes assim são justificadas na medida em que, nos cordéis, elas não têm outra opção, são frutos da desigualdade social.

E é esse ponto, prostituição e desigualdade social, que o cordel serve à história social, pois a partir de sua leitura temos a oportunidade para abordarmos em sala de aula a prostituição como problemática social, é claro que tem um forte tom humorístico e também sarcástico no texto e esses recursos antes de serem um problema são um recurso a mais para chamar/despertar o interesse e atenção dos alunos e constituem uma ponte para discutirmos a questão da juventude, dos adolescentes que se prostituem, da própria ideia de prostituta.

Esse tipo de discussão possibilita reavaliação de conceitos, preconceitos, e sobre possibilidade para os alunos e professores olharem o outro de ângulos diferentes, fortalecendo assim conceitos ligados a cidadania, alteridade e identidade.

É dessa forma que enfatizamos nossa defesa em prol do uso do cordel em sala de aula, seus usos são muitos, não apenas para mostrar outras versões e visões acerca dos acontecimentos históricos, dos episódios presentes nos livros didáticos, mas para questionar a própria construção da memória e da história, dessa forma acredito estamos contribuindo para a formação de um aluno mais cidadão.

4 O CORDELAR

É chegado o momento de explicarmos como foi o nosso cordelar, de que forma trabalhamos, como organizamos o percurso metodológico que conduziu este trabalho.

Primeiro gostaria de explicar que essa nossa pesquisa tem um caráter bibliográfica/explorativa, na medida em que desenvolvemos no decorrer de todo o processo uma busca em prol de cordéis que contemplassem direta, ou indiretamente temas ligados a história (seja do Brasil, seja em caráter mundial) e em um segundo momento levamos alguns desses textos para sala de aula, na busca de referendarmos essa pesquisa junto aos alunos (no caso em questão os alunos de 1º, 2º e 3º ano do ensino médio, turno integral, da Escola Estadual Antônio Coelho Dantas).

No primeiro momento nos detivemos na busca dos cordéis e aqui devo salientar que já tinha algum material, devido ao fato de ter trabalhado com essa temática durante minha graduação em licenciatura em História pela Universidade Federal de Campina Grande, mas mesmo dispondo já de algum material, nossa pesquisa não ficou restrita ao que já possuíamos, isso apenas nos deu um suporte.

Ainda durante a fase de pesquisa bibliográfica nossa principal fonte foi o LAELL (Laboratório de Apoio ao Ensino de Língua e Literatura) da UFCG, a grande quantidade de folhetos, sua catalogação e datação facilitaram e ampliaram as bases desse trabalho. Depois seguimos ao calçadão de Campina Grande e em várias “barracas” muitas surpresas e cordéis com temáticas novas, como a questão homoafetiva, foram alguns desses achados.

A parte final da pesquisa bibliográfica dos folhetos fizemos em nossa cidade Nova Palmeira-PB, aqui encontramos grande diversidade de folhetos, a maioria críticos, inclusive os do professor Valdí Medeiros o qual gentilmente nos cedeu seus textos para uso didático e monográfico. E nessa fase nos chamou atenção, pois descobrimos cordelistas entre os alunos, a aluna Irailza Bezerra do 3º ano do ensino médio produzia folhetos, mas tinha em suas palavras “vergonha” de exibi-los, seus folhetos chamam atenção pelas temáticas ligadas ao universo da juventude, suas dúvidas e angústias.

Concluídas as nossas pesquisas sobre os folhetos, fomos em busca de autores que dessem suporte teórico ao nosso trabalho, os textos de FONSECA (1999), LINHARES (2006), LACERDA (2010), MARINHO (2012), PINHEIRO (2012), GRILO (2003), CHARTIER (1996), BRAUDEL (1986), BITTENCOURT (2002), DAMATTA (1997), TERRA (1983), CURRAN (1998), dentre outros foram de grande ajuda para desenvolvermos nosso trabalho.

A última fase antes da escrita final de nossa pesquisa ocorreu entre o alunado do turno integral da Escola Estadual de Ensino Médio Antônio Coelho Dantas (na qual ministrou a disciplina de história para as turmas de 1º, 2º e 3º ano) que fica localizada na cidade de Nova Palmeira-PB.

Nessa fase selecionamos alguns cordéis e trabalhamos os folhetos após os conteúdos dos livros, o resultado foi motivador, os alunos interagiram muito bem e alguns passaram a produzir também textos, tivemos inclusive a produção de uma peça coletiva dos alunos do 3º ano do ensino médio com o tema Cordelando que foi apresentada a toda a comunidade escolar, durante um evento no ginásio da escola.

Com relação aos conteúdos de história, tivemos mais facilidades em trabalhar com o 2º e 3º ano, mas nos temas transversais da disciplina encontramos espaço para inserir muito do conteúdo do primeiro ano. A experiência desenvolvida no ano de 2014 segue para 2015, agora com reforço dos professores de geografia, artes e portuguesa e acredito que teremos resultados ainda mais expressivos.

5 CONCLUSÃO

Dizem que todo final é dolorido, nesse caso não há dor, mas satisfação. Meses de trabalho, dores de cabeça, sonhos e algumas decepções, que me conduziram até esse momento, e aqui posso concluir com um velho clichê: valeu a pena!

Todo o percurso metodológico, as pesquisas bibliográficas e a minha prática em sala de aula, contribuíram para fortalecer, em mim, a certeza quanto a riqueza e dinâmica de usar a literatura de cordel no ensino de história.

Se hoje a história deve ser pensada como um quadro plural, vivo e construída social e culturalmente, nada melhor que usar uma fonte popular para ajudar no seu entendimento, foi isso que nos encantou no cordel, ouvir a História por vozes “iletradas”, pelas “conversas das feiras”, enfim conhecer a História, por outras histórias, que não aquelas expressas, impressas nos livros didáticos e acredito que nesse sentido fomos felizes. Pois penso termos conseguido elencar no decorrer do nosso texto os motivos que nos levaram a levantar a bandeira do uso da literatura popular no ensino da história.

O nosso estudo evidenciou que a falta de interesse de parte do nosso alunado nos conteúdos em sala de aula, está em grande parte, relacionado a distancia entre sua vivencia e os discursos, os textos que encontram nos livros didáticos, enfatizamos que não adianta mudarmos a maneira de ensinar, mas temos que repensar, também, o que ensinar.

Nesse quadro, que tentamos pintar, no decorrer desse trabalho, nos ficou claro que não há uma solução, uma formula mágica que resolva a questão que suscitou essa pesquisa, como chamar, prender a atenção do nosso alunado, mas acredito termos contribuído apontando uma das possíveis soluções a essa questão.

O cordel com toda sua poesia, com seu tom humorístico, com seus personagens tão humanos, com seus heróis pícaros, com sua linguagem simples nos atingiu e serviu como instrumento de análise histórico social de grande riqueza e diversidade, na vida, ações e malandragens de João Grilo, Pedro Malasartes um grito, ou muitos gritos, justiça, abandono, descaso, coronelismo, tantas histórias, tantos brasis.

Termino deixando meu viva e parabéns aos poetas do povo, cantadores, herdeiros de trovadores que me abriram caminhos, e aos colegas historiadores: que ouçamos o povo, não falemos apenas de memória, vamos buscá-la, resgatá-la e fazer uma história viva, com sentido e significados para nós e para nossos alunos, afinal se nosso objetivo for fortalecer, construir princípios de cidadania começemos ouvindo as histórias de quem sempre teve esses direitos negados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Márcia. **História de cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

ALMEIDA, William Barbosa de. **Folhetos: a literatura de cordel do Nordeste brasileiro**. 1979. Departamento de Ciências Sociais, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. USP, São Paulo.

ASSARÉ, Patativa. **Cante lá que eu canto cá**. 3.ed. Petrópolis/Crato: Vozes/Fundação Pe. Ibiapina e Instituto Cultural do Cariri, 1980.

AYALA, Maria Ignez Novais. **No arranco do grito: aspectos da cantoria nordestina**. São Paulo: Ática, 1988.

BANDEIRA, Pedro. **Malasaventuras: safadezas do Malasartes**. 15. ed. São Paulo: Moderna, 1996.

BERTO, Luiz. **Quatro Poemas de Patativa do Assaré**. Disponível em . CORDEL, Literatura de. Disponível em: . Acesso em: 17 SET 2013.

BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula**. 7 ed. São Paulo: Contexto, 2002. p. 54-66. p. 62.

BLOCH, Marc. **Introdução à História**. 3 ed. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1976. p. 61.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica (Semtec/MEC), 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental **Parâmetros Curriculares Nacionais**. 3. Ed. Brasília: A Secretaria, 2001.

BRAUDEL, Fernand. **História e ciências sociais**. Tradução de Rui Nazaré. 5 ed. Lisboa: Presença, 1986. p. 120.

CAIMI, Flávia. **Por que os alunos (não) aprendem História? Reflexões sobre ensino, aprendizagem e formação de professores de História**. Tempo. Rio de Janeiro, n. 21, vol. 11, jul. 2006.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Outro Sobre azul, 2006.

CASA DO CORDEL. Disponível em < http://foque.com.br/casadocordel/?page_id=15 > Acesso em 03/10/2014.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1996.

CURRAN, Mark. **História do Brasil em cordel**. São Paulo: EDUSP, 1998.

DAMATTA, Roberto A. **Carnavais, Malandros e Heróis**. 6 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DANTAS, José Maria de Souza. **Didática na literatura: proposta de trabalho e soluções possíveis**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

DICIONÁRIO BÁSICO DE AUTORES DE CORDEL. Disponível em: . Acesso em: 25 SET 2014.

FONSECA, Selva Guimarães. **Caminhos da história ensinada**. Campinas: Papyrus, 1994.

GRILLO, Maria Ângela de F. **A literatura de cordel na sala de aula**. In: ABREU, Martha & SOIHET, Raquel (orgs.). Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura: Teoria e Prática**. Campinas/SP: Pontes, 1998.

LACERDA, Franciane Gama; MENEZES NETO, Geraldo Magella. **Ensino e pesquisa em história: a literatura de cordel na sala de aula.** Outros Tempos, v. 7, p. 217-236, 2010.

LINHARES, Thelma R. S. **A história da Literatura de Cordel.** Disponível em: <<http://www.camarabrasileira.com/cordel101.htm>>. Acesso em: 12 de dezembro, 2014.

LONDRES, Maria José F. **Cordel: do encantamento às histórias de luta.** São Paulo: Duas Cidades, 1983.

MACHADO, Ana Maria. **História meio ao contrário.** 23 ed. São Paulo: Ática, 1999.

MARINHO Ana Cristina; PINHEIRO Hélder. **O cordel no cotidiano escolar.** São Paulo: Cortez, 2012.

MEDEIROS, Irani. No reino da poesia sertaneja: **antologia de Leandro Gomes de Barros.** João Pessoa: Ideia, 2002.

O CORDEL DAS FEIRAS AS GALERIAS. Projeto Memória de Leitura. UNICAMP. Disponível em: Acesso em: 04 OUT 14.

PINHEIRO, Hélder e LÚCIO, Ana Cristina Marinho. **Cordel na sala de aula.** São Paulo: Duas Cidades, 2001.

QUIRINO, Jessier. **Prosa Morena.** Recife: Bagaço, 2001.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **História: construindo a relação conteúdo método no ensino de História no Ensino Médio.** In: KUENZER, Acacia Zeneida (org.). Ensino Médio: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho. São Paulo: Cortez, 2000. p. 203-230.

TERRA, Ruth Brito Lemos. **Memória de lutas: Literatura de folhetos do Nordeste (1893 a 1930).** São Paulo: Global, 1983.